

# Apontamentos para a questão da modernidade no Instituto Butantan

---

*Notes to the question of modernity at the Instituto Butantan*

Luiz de Lucca Neto <sup>1</sup>

---

1. Arquiteto Urbanista e Historiador, mestrando em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo pela FAU-USP com pesquisa sobre o impacto e os desdobramentos do Plano de Ação para o conjunto arquitetônico do Instituto Butantan na década de 1960. Contribuiu com o Núcleo de Documentação do Instituto Butantan entre 2016 e 2018 e, desde 2016, é Membro do corpo editorial da Revista Epígrafe.

Contato: [luiz.lucca.neto@usp.br](mailto:luiz.lucca.neto@usp.br)

---

## Resumo

Este artigo pretende apontar elementos que introduzam a questão da modernidade e da sua quase invisível presença na arquitetura do Instituto Butantan, evidenciando os anos de 1960 como o período em que se manifestam propostas modernas, não executadas, para a Instituição. Em razão de o tema constituir parte de uma pesquisa em andamento pretende-se, mais que cravar conclusões definitivas, abrir a discussão a respeito da escassez modernista no Butantan num momento em que a arquitetura moderna brasileira encontrava seu auge, seus projetos se concretizavam – a exemplo da inauguração de Brasília – e a euforia pela modernização permeava o imaginário nacional. Para tanto, será traçado um breve histórico dos aspectos culturais e da produção arquitetônica no Brasil pós-guerra, da modernização no Estado de São Paulo e das relações deste período com as propostas modernas elaboradas para o Instituto Butantan em 1960, esboçando hipóteses que fundamentem a razão da não realização destes projetos.

## Palavras-chave

Arquitetura moderna brasileira, Escola Paulista, plano de ação, Instituto Butantan.

## **Abstract**

*This article intends to point elements that introduce the question of modernity and its almost invisible presence in Instituto Butantan architecture, evidencing the 1960s as a period in which are manifested modern purposes, not built, to the Institution. In reason of the theme constitute a part of an ongoing research it is intends, more than spike definitive conclusions, open the discussion about the modernist shortage in Butantan at a time when Brazilian modern architecture was at its peak, its projects was implemented – as the inauguration of Brasília – and the euphoria for the modernization was in national imagination. Therefore, will be outlined a brief history of cultural aspects and the architectural production in postwar Brazil, of modernization in São Paulo Estate and of the relations of this period with the modern purposes elaborate for the Instituto Butantan in the 1960s, drafting hypotheses that justifies the reason for the non-achievement of this projects.*

## **Keywords**

*Brazilian modern architecture, Escola Paulista, Plano de Ação, Instituto Butantan*

## **Introdução**

Entre os edifícios que compõem o parque do Instituto Butantan destacam-se aqueles construídos nas primeiras quatro décadas do século XX. O intenso esforço para a consolidação da instituição e a necessidade constante de novos espaços motivados pelo crescimento, em suas primeiras décadas de vida, impulsionaram a expansão de novas construções que abrigassem as diversas atividades fundamentais ao seu funcionamento e indispensáveis à pesquisa e à produção de soros e vacinas.

Neste processo, diversos prédios e instalações foram construídos segundo estilos relevantes da arquitetura e de inspiração europeia à época, empregados naquele momento como símbolos da modernidade arquitetônica, representando a importância e a magnitude da instituição que passava a ocupar lugar de vulto e prestígio em sua área de atuação. Destacam-se entre estes edifícios algumas construções que, posteriormente,

2. Segundo a Resolução SC n. 35/81 o Instituto teve tombados, pelo CONDEPHAAT, o seu conjunto de edifícios e entorno.

3. Concebido como cocheira o prédio passaria por uma reforma em 1965 para abrigar o Museu Biológico. Entre as propostas de adaptação existe um projeto da arquiteta ítalo-brasileira Lina Bo Bardi que acabaria não sendo executado.

passariam a constituir símbolos da instituição, tendo suas imagens associadas às atividades neles desenvolvidas, principalmente após o processo de tombamento pelo qual passaram no ano de 1981<sup>2</sup>.

Estes edifícios foram determinantes para a formação de uma imagem do Instituto. À primeira vista, podemos tirar conclusões diversas sobre esta afirmação. A relevância destes primeiros edifícios pode se pautar pelo esforço construtivo empreendido nas primeiras décadas de existência do Instituto, assim como nas décadas seguintes a preexistência de uma arquitetura já consolidada não teria feito surgir a aspiração por novos símbolos arquitetônicos por parte de seus dirigentes.

Os grandes ícones de sua arquitetura são, assim, constituídos por prédios que seguem estilos característicos das primeiras décadas do século passado. A começar por aquele que talvez seja o mais importante e mais representativo do imaginário associado ao Instituto, o Edifício Vital Brazil (Figura 1) projetado por Mauro Álvaro e inaugurado no ano de 1914, seguindo o estilo Art Nouveau, que arquitetos como Victor Horta e Henry Van de Velde, além de Joseph Maria Olbrich, anteciparam na Europa (BENEVOLO, 2012). Neste sentido, até mesmo a posição geográfica tem importância como edifício símbolo do Instituto, estando localizado em uma posição de destaque na paisagem consideravelmente mais alta que os demais.

Ainda na década de 1910, é inaugurado o atual Prédio do Museu Biológico<sup>3</sup>, repetindo o mesmo estilo do Edifício Vital Brazil inaugurado anos antes. Nos anos 1920, outros prédios relevantes são finalizados, já em estilos diferentes, como o eclético Pavilhão Lemos Monteiro, em 1931 o Prédio da Diretoria, também eclético, e já em 1945 o chamado Prédio Novo, em estilo art déco, então bastante disseminado na cidade de São Paulo entre os anos 1930-40. Essas construções, apesar de não pertencerem ao que se convencionou chamar por Movimento Moderno, representavam e eram entendidos como modernidade – até mesmo, como vanguarda da arquitetura naquele momento (MONTEIRO, 2017).

Mesmo que breves e não muito relevantes ao conjunto arquitetônico da instituição, algumas manifestações de características modernas podem ser anunciadas. É o caso do Pavilhão Vital Brazil de 1948 que, apesar de

possuir uma linguagem bastante influenciada pelo arquiteto Frank Lloyd Wright – influência esta, altamente significativa no período em São Paulo e característica da primeira fase do arquiteto Vilanova Artigas (KAMITA, 2000, p.12) – o Pavilhão, de autor desconhecido, pouco se aproxima da importância dos grandes projetos das décadas anteriores do Instituto Butantan.

De fato, os grandes projetos arquitetônicos do Instituto estão situados nas primeiras décadas do século passado. Do mesmo modo, se considerarmos a produção mais recente no Instituto, encontraremos um importante exemplar da arquitetura contemporânea brasileira. Trata-se do Museu de Microbiologia, de autoria do arquiteto Márcio Kogan, inaugurado em 2002 e que adquiriu importância mesmo constituindo um projeto pontual de adaptação de uma estrutura preexistente construída nos anos 1970. Há, neste sentido, um hiato construtivo, a ausência de representações de uma arquitetura moderna de relevância como há em outros períodos, antigos ou mais recentes. O que explica este cenário?

É coerente pensar que uma Instituição com um espaço construído e ícones arquitetônicos consolidados entre em um período de relativa estagnação de grandes projetos, pautando-se por intervenções mais pontuais. No entanto, será que somente este aspecto explica a inexistência de grandes construções autorais traçadas por arquitetos modernos no Instituto Butantan, principalmente em um momento no qual a arquitetura moderna brasileira encontrava seu auge com a Escola Carioca e a modernização do Estado de São Paulo impulsionava a consolidação do Brutalismo Paulista?

### **Estado, desenvolvimentismo e arquitetura moderna**

*Como se sabe, em país dependente e de capitalismo periférico, o moderno é uma obsessão nacional, entendido via de regra como esforço de atualização, sendo o metro a evolução das sociedades centrais. Modernizar-se – dos hábitos de consumo até os sentimentos estéticos – era condição de formação nacional, redenção do passado colonial etc. (ARANTES, 2000, p. 30).*

4.  
Escola Nacional de Belas Artes.

5.  
Além de sua importância para a criação do SPHAN e do resgate do barroco mineiro como patrimônio histórico nacional.

A modernização é tema recorrente da história brasileira no século XX ao menos desde a primeira República. É no seio do Estado Novo que alguns dos grandes nomes que, posteriormente, conformariam a Escola Carioca são gestados e, é neste cenário, que arquitetos como Lucio Costa e Oscar Niemeyer encontram suporte para a concretização de seus planos.

*Intelectuais de peso que moldaram o patrimônio histórico e artístico brasileiro, como Lucio Costa, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Carlos Drummond de Andrade – embora consagrados por outras vias de reconhecimento e inserção social – tendo em mãos seus passaportes para a modernidade – atuaram decisivamente dentro do governo Vargas, especialmente no Estado Novo. (CHUVA, 2003, p.314)*

Esta relação entre arquitetos e estado, seja através do cooptação estatal ou da confluência e associação de ideias, se mostra indispensável para a formalização da arquitetura, principalmente de propostas amplas e de grande impacto. Lucio Costa talvez represente importante exemplo neste sentido. Entre 1922 e 1930, a produção do arquiteto se limitava a projetos residenciais predominantemente em estilo neocolonial. É a partir de 1930 que Costa incorpora definitivamente a linguagem modernista e passa a intervir em prol de sua disseminação através dos meios que dispunha, propondo uma profunda reformulação no ensino quando alçado à diretoria da ENBA<sup>4</sup> (CARLUCCI, 2005, p.27-28) e, posteriormente, liderando o projeto do Edifício Gustavo Capanema, sede do Ministério da Educação e Saúde na então Capital Federal brasileira, junto do jovem Oscar Niemeyer<sup>5</sup>.

Este modelo será posto em prática por outras diversas vezes pelo estado, não só pela herança do Varguismo na política brasileira, mas também pela importância alcançada pelo nacional desenvolvimentismo nos governos do pós-guerra. Assim, em 1955, o Plano de Metas de Juscelino Kubitschek reeditaria a associação com os arquitetos modernos para alcançar o desenvolvimento prometido pelo seu slogan dos "50 anos em 5" e na construção da nova Capital Federal do País.

6. Obviamente guardadas suas peculiaridades e proporções, mas, sem dúvida, o desenvolvimentismo influenciou estas propostas locais.

7. Na pesquisa: Difusão da Arquitetura Moderna no Brasil. O patrimônio arquitetônico criado pelo Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto [1959-1963] (FAPESP, 2013).

Juscelino já havia lançado mão da arquitetura moderna em sua plataforma política, quando governador do Estado de Minas Gerais, para a construção do Conjunto da Pampulha projetado por Oscar Niemeyer. Esta prática não constituía, portanto, exclusividade dos governos em nível da União Federal, mas foram, também, replicados<sup>6</sup> pelos governos estaduais, caso do Estado de São Paulo durante o governo Carvalho Pinto.

Eleito Governador do Estado de São Paulo no ano de 1958, Carvalho Pinto lança o Plano de Ação do Governo do Estado (PAGE), que seria o fio condutor de suas atividades e planos durante seu governo, entre 1959 e 1963. O PAGE caracterizava-se por uma política de investimentos públicos na modernização da infraestrutura do Estado por meio da reforma e construção de prédios públicos, usinas hidrelétricas e até órgãos de fomento à pesquisa, como a FAPESP, e que acabou por influenciar substancialmente a produção da arquitetura no Estado, não somente na capital mas também pelo interior paulista.

A virada na arquitetura paulista proporcionada pelo PAGE se manifesta no padrão dos edifícios construídos pelo Governo do Estado até os anos 1950. O ecletismo era a linguagem predominante dos edifícios públicos paulistas construídos quase de forma replicada em todo o estado, ou seja, era comum a reprodução de tipologias, modelos ou padrões, que se repetiam, sofrendo alterações pontuais de acordo com as necessidades que surgiam nas diferentes cidades paulistas. Esta situação soa surpreendente na medida em que a Arquitetura Moderna encontrava seu ápice no Brasil com a construção de Brasília.

*O PAGE, em que pese a linguagem eclética consolidada no Estado, funcionou como uma espécie de mecanismo que tornou o Estado permeável ao modernismo. A não adoção da linguagem moderna, no quadro de sucesso internacional e nacional da arquitetura moderna brasileira, com os projetos modernos de Brasília, tanto arquitetônicos como urbanístico, já em curso, certamente, trazia questionamentos inúmeros. (BUZZAR, 2015, p. 162)*

Foi no curso do Plano de Ação do Governo, como indica Miguel Antônio Buzzar (2015)<sup>7</sup>, que os arquitetos modernos encontraram no Estado de São Paulo o espaço

8.

Não é o objetivo de esta correlação afirmar que o Estado do período de Getúlio Vargas se equipara ao dos governos estaduais pós 1945 ou que Artigas só fez grandes projetos para o Estado. Muito pelo contrário, a intenção é indicar a presença do fomento público como um dos elementos para se pensar o modernismo no Brasil.

necessário para a formalização de suas propostas. Assim, do mesmo modo que Lucio Costa se manteve concebendo projetos residenciais e outros de menor escala até a década 1930, quando desenvolve grandes propostas em associação ao Governo, podemos estabelecer um paralelo – aqui, de forma ponderada e exclusivamente neste sentido<sup>8</sup> – com Vilanova Artigas, que tem em 1950, com a Casa da Criança, "uma das primeiras oportunidades de o arquiteto trabalhar com um programa eminentemente público" (KAMITA, 2000, p. 62). O próprio posicionamento do arquiteto condiz com este momento político, do nacional desenvolvimentismo, muito também em razão de sua filiação ao PCB:

*Suas convicções de esquerda e o aumento da tensão mundial depois da Guerra da Coreia, em 1950, levaram-no a publicar artigos onde atacava claramente as concepções "burguesas" dos grandes mestres racionalistas. Suas acusações sucessivas contra Le Corbusier e Gropius foram formuladas numa linguagem de asperidade inauditas: o modutor do primeiro teria sido apenas uma tentativa de arruinar o sistema métrico e seria um retorno velado às antigas medidas ciosamente conservadas pelos anglo-saxões, e, conseqüentemente, um serviço prestado aos interesses do imperialismo norte-americano. (BRUAND, 2002, p. 296)*

### **Manifestações modernas no Instituto Butantan**

A relação entre modernidade e populismo parece constituir uma característica e uma contradição ideológica fundamental da manifestação da Arquitetura Moderna no Brasil, como aponta Hugo Segawa (2014, p. 112), mas não somente, é também, para nós, elemento imprescindível para o aprofundamento da questão do modernismo no Instituto Butantan.

O PAGE foi responsável pela contratação de um grande número de arquitetos incumbidos de projetar novas instalações e planejar os rumos da construção no estado. Neste sentido, o Plano de Ação do Governo Carvalho Pinto, efetivamente, deu início à construção da Cidade Universitária Armando Sales de Oliveira, o *campus* da Universidade de São Paulo no bairro do Butantã, que

9.

A edição de julho de 1966, (ano 28, nº 330, p. 18-28), trazia o recém-inaugurado prédio dos Departamentos de História e Geografia da USP projetado pelo arquiteto Eduardo Corona.

se encontrava, até então, pouco ocupado desde que havia sido cedido por permuta pelo Instituto Butantan na década de 1930. Ou seja, é somente a partir de 1959 que a Cidade Universitária finalmente se consolida.

Do mesmo modo que este episódio foi determinante para a efetiva construção do *campus* da USP, foi também importante para a reformulação – de certa forma bastante radical – proposta para o Instituto, então instalado ali há seis décadas. A edição de agosto de 1966 da Revista Acrópole destaca estes novos projetos, enquanto na edição do mês anterior apresenta um dos prédios que eram construídos muito próximo dali, na Cidade Universitária<sup>9</sup>. Seu conteúdo destaca, logo no início, a inexistência de um plano geral para a implantação do Instituto:

*O atual edifício de laboratórios que reúne os pesquisadores e parte da produção do Instituto foi construído em 1945 sem a existência de um plano geral, cuja elaboração só foi sugerida no início da construção da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira.*

*A concretização desse plano e sua execução é (sic) de responsabilidade do Fundo Para Construção da C.U.A.S.O. através de um convênio com o Instituto Butantan. (ACRÓPOLE, 1966, p. 31)*

Tudo indica que esta associação permitiu que fossem feitos projetos para o Instituto por meio do Fundo para Construção da Cidade Universitária que, por sua vez, estava inserido no Plano de Ação do Governo. Dessa forma, os projetos até então desenvolvidos pelo Estado para a instituição, que seguiam também a linguagem do ecletismo, passaram a ser propostos pela equipe de arquitetos modernos contratados pelo Plano de Ação.

Essas propostas tinham como objetivo a construção de novos edifícios que deveriam abrigar o programa da Instituição seguindo um plano geral delineado pelos arquitetos do Fundo e que se pautava por uma concepção moderna de planejamento e arquitetura, claramente em oposição aos edifícios que eram construídos até então no Instituto.



O edifício de Vírus e Genética (Figura 2), projetado pelo arquiteto Maurício Tuck Schneider, e o edifício de Pesquisas (Figura 3) de autoria do arquiteto Rubens Carneiro Vianna, são dois exemplos da singularidade que representavam frente ao patrimônio construído existente no parque do Instituto. O primeiro tem como característica fundamental o uso que faz do terreno em desnível: dois blocos abrigam o programa e estão divididos por um eixo central de circulação e acesso de veículos conformando um pátio interno. Estes blocos unem-se por um elemento recorrente na arquitetura moderna paulista e famoso na arquitetura de Vilanova Artigas: a empena de concreto. Neste caso: duas empenas que delimitam a forma do prédio e possibilitam o grande vão central; nas outras duas faces brises controlam a luminosidade e a permeabilidade do edifício.

A proposta do prédio de Pesquisas seria ainda mais impactante no conjunto do Butantan: uma torre de aproximadamente vinte andares abrigando todos os laboratórios e pesquisadores da Instituição, até hoje dispersos pelos diversos edifícios do parque. A proposta radical de verticalização do programa soa, ao menos, inusitada em um contexto de predominância de edifícios com gabarito baixo, alcançando no máximo quatro pavimentos como no caso do Prédio Novo, e em um espaço praticamente ilimitado dada a grande área que ocupa o Instituto no bairro do Butantã. A estranheza de um gabarito desta altura para o parque se intensifica em relação ao bairro que, na década 1960, ainda era pouco ocupado, predominando residências baixas de um ou dois pavimentos. Apesar da verticalidade, que se distingue do conjunto existente, e do projeto horizontal proposto por Maurício Tuck Schneider para o prédio de Vírus e Genética, a linguagem do modernismo paulista se repete nos projetos: grandes vãos, eixos de circulação vertical que organizam o programa e liberam o espaço dos pavimentos, empenas cegas de concreto e brises nas fechadas opostas.

Estes projetos constituem uma pequena porção das propostas elaboradas para o Instituto neste período por meio do Plano de Ação do Governo do Estado e apontam para uma forte familiaridade no que diz respeito à linguagem arquitetônica utilizada pelos arquitetos

contratados pelo PAGE e pela arquitetura paulista, de forma geral, naquele momento.

Ora, em 1963, ao final do governo Carvalho Pinto, o PAGE contabilizava uma grande quantidade de projetos elaborados e, naturalmente, uma parte significativa destas propostas não havia sido executada, por razões diversas que não convém aprofundar aqui, mas que ilustram um aspecto importante: a questão da interrupção de um planejamento anterior e a proposição de um novo a cada governo. Ademar de Barros assume o Governo do Estado e lança o PLADI, Plano de Desenvolvimento Integrado, o que demonstra o sucesso alcançado pelo plano de Carvalho Pinto, assim como a permanência do planejamento e do desenvolvimentismo iniciados nos planos de JK na década de 1950.

No Instituto Butantan parece haver uma relação de continuidade entre PAGE e PLADI, mas com algumas transformações. Os arquitetos Carlos Henrique Heck e Osmar Mammini são contratados, ainda pelo Fundo de Construção da Cidade Universitária, para atuarem dentro do Instituto, revisando e atuando exclusivamente nos projetos de 1961 pertencentes ao plano anterior. Ou seja, no PAGE os projetos estavam associados a um extenso corpo técnico de arquitetos contratados atuando em diversas frentes e elaborando edifícios públicos em todo o Estado. O plano de Adhemar de Barros faz reformulações e, ao menos no caso do Instituto Butantan, passa a atuar na revisão dos projetos elaborados e na proposição de novos que conferissem a autoria do novo Governo.

O que parece se desenhar a partir de 1964 é uma revisão destas propostas gestadas no início da década de 1960. Ademar de Barros lança o PLADI dando certa continuidade ao plano de Carvalho Pinto, desta vez, associando as obras ao seu governo e excluindo, ao menos no caso do Butantan, os arquitetos do PAGE ao contratar jovens arquitetos recém-formados. No entanto, mesmo com o novo corpo técnico e sob a gerência de um novo plano, permanece, em essência, a arquitetura moderna como mote, como linguagem fundamental à modernização paulista, a ponto de os projetos de ambos os planos se confundirem e parecerem resultado de um único processo.

10.  
Disponível em publicação do  
Instituto Lina Bo e P.M. Bardi (apud  
FERRAZ, 1996)

11.  
O projeto de Lina para o Museu  
Biológico constitui uma exceção  
neste contexto. Apesar de moderna,  
Lina não estava inserida no círculo  
de arquitetos do Plano de Ação  
de Carvalho Pinto e tampouco  
trabalhava no escritório técnico  
instalado no Butantan durante o  
PLADI. Trata-se provavelmente de  
um projeto feito por convite e não  
executado por razões ainda não  
muito claras.

Alguns casos específicos contribuem para este emaranhado de datas e autorias. Há uma sobreposição de tempos neste contexto, o edifício da FAUUSP, por exemplo, apesar de inserido no PAGE, atravessa outras administrações, avança pelo período da ditadura militar sendo inaugurado apenas em 1968, ou seja, estas propostas delineadas no início de 1960 pairam por toda a década, foram interrompidas, retomadas e, em muitos casos permaneceram esquecidas.

Em suma, há pouca rigidez nesta periodização e uma flutuação destes projetos, concentrados no início, mas dispersos ao longo de toda a década, que se confundem e aparentam para nós resultados de uma única iniciativa. A adoção da linguagem moderna em ambos demonstra a consolidação dessa arquitetura em São Paulo e uma transformação na cultura construtiva do Estado que adotava variados estilos em seus edifícios até o final da década de 1950, momento em que a arquitetura moderna se consolidava no Brasil com a Escola Carioca.

A permanência desta "cultura arquitetônica" moderna se verifica também em outro projeto deste período: o de adaptação do Prédio da Cocheira para o Museu Biológico, de 1965, projetado por Lina Bo Bardi<sup>10</sup>, também não executado e substituído por outro projeto de Osmar Mammini, arquiteto instalado no escritório técnico do Instituto a partir de 1964<sup>11</sup>.

### **Considerações finais**

Retomando o quadro que se apresentava no Brasil naquele momento, o contexto era de uma profunda convicção quanto ao progresso moderno, que se respaldava na inédita industrialização e urbanização pela qual o país passava. A arquitetura moderna era o instrumento que materializava os avanços do desenvolvimento brasileiro, a construção de Brasília era a coroação deste progresso e até mesmo o futebol contribuía para o fortalecimento desta sensação de euforia com o título que conquistava a Seleção Brasileira em 1958 após a "tragédia futebolística" de 1950:

12.

É importante destacar que apesar do clima de otimismo nacional daquele momento Nelson Ibañez (2005, p.136) ressalta o período de indefinições para a saúde pública do Estado e para o Instituto.

*A consagração do Brasil no futebol vinha alimentar a imagem de um país que se revelava ao mundo orientado pela ordem desenvolvimentista traduzida na construção da sua nova capital federal. Ao aspecto simbólico dos dois eventos somava-se ainda a renovação cultural associada naquele momento ao Cinema Novo, à Bossa Nova, e às vanguardas artísticas.*(NOBRE, 2011, p. 99)

Ora, como vimos, a voga das políticas desenvolvimentistas também se repetia em São Paulo no final dos anos 1950 e, de forma semelhante, a Arquitetura Moderna ganhava corpo por aqui através do Brutalismo Paulista. Se o modernismo se mostrava tão presente – Brasília era inaugurada e tinham início os grandes projetos da chamada Escola Paulista – qual a razão de estes projetos não terem sido realizados no caso do Instituto Butantan?

A resposta para esta pergunta constitui algo complexo e, como indica o título deste artigo, a intenção aqui é apontar algumas questões e levantar hipóteses que ainda estão sendo investigadas, isto é, introduzir um tema ainda pouco discutido. Logo, as questões políticas e o aprofundamento das tensões sociais que envolveram o país a partir do ano de 1961, com a renúncia do presidente Jânio Quadros, são, sem dúvida, fundamentais para a compreensão de qualquer aspecto do período. No entanto, a análise isolada do Golpe de Estado de 1964 não constitui elemento suficiente neste caso. É necessário vasculhar a história institucional e destrinchar a recepção destes projetos arrojados em uma paisagem e uma cultura arquitetônica já consolidada, assim como os meios materiais e as prioridades que se desenhavam para o Instituto<sup>12</sup>.

O que é possível afirmar neste momento é a existência de uma discreta distinção entre os projetos propostos até meados de 1965 e 1966 e os da segunda metade da década. Os primeiros, inseridos no Plano de Ação e posteriormente reelaborados no próprio escritório instalado no Instituto, através da contratação dos arquitetos Carlos Henrique Heck e Osmar Mammini, sugerem reformulações mais radicais e complexas que almejam um impacto mais profundo na estrutura física do Instituto, enquanto os posteriores a 1966 se caracterizam por projetos pontuais e mais utilitários, elaborados em caráter de necessidades específicas que

13.

Hipótese a ser confirmada no desenvolvimento da pesquisa em nível de dissertação de mestrado.

surgem regularmente. À primeira vista, esta distinção entre os dois períodos se relaciona diretamente com a situação da Cidade Universitária, que teve sua construção fortemente impactada pela instabilidade política do período. Basta lembrarmos que dos edifícios projetados para o chamado corredor das humanas somente a FAU, de Artigas e Carlos Cascaldi, e o prédio dos cursos de História e Geografia, de Eduardo Corona, saíram do papel. A relação da construção do *campus* com o caso do Instituto Butantan é, portanto, inevitável e imprescindível.

É provável que a situação política do país tenha interferido no embargo e na mudança de rumo destes planos, mas não somente. No caso mais específico do Instituto Butantan, podemos acrescentar, talvez, algo bastante recorrente em sua história: a hipótese de escassez de recursos para investimento em estrutura física que teriam inviabilizado a construção destes projetos modernos. No entanto, o PAGE constituiu um plano de amplas proporções e com um financiamento bem definido pelo Governo Carvalho Pinto, mesmo com os volumosos custos.

Assim, a hipótese pretendida por este artigo passa por todos estes acontecimentos, mas se sustenta mais por possíveis motivações internas, como a necessidade de modernização do Instituto, do que externas. É evidente que o cenário político e eventuais adversidades financeiras influenciaram a não construção destes projetos, mesmo que em um momento promissor para o modernismo, porém, como sugerido na introdução deste artigo, é considerável conjecturar a possibilidade de algum tipo de resistência por parte da comunidade e da direção do Instituto quanto à radicalidade destes projetos<sup>13</sup>.

Essa ideia ganha força com a situação historicamente conflituosa entre USP e Instituto no que diz respeito à autonomia, já que a concepção destes projetos podia ser recebida pela comunidade do Instituto Butantan como este sendo uma extensão da Universidade. Tal perspectiva se consolida se pensarmos na efetivação de outras propostas do período do Governo Ademar de Barros, quando se instala um escritório no próprio Instituto e há uma separação do planejamento da Cidade Universitária.

Não é questão primordial para o artigo estabelecer uma conclusão definitiva. Acima de tudo, esta análise consiste num outro propósito: evidenciar, por mais

que seja invisível em sua paisagem, a existência da modernidade no Instituto. Se existe um patrimônio consolidado e de absoluta importância das primeiras décadas de sua existência, assim como relevantes edifícios representantes da arquitetura contemporânea brasileira, como é o caso do projeto do Arquiteto Márcio Kogan para o Museu de Microbiologia, a Arquitetura Moderna também se faz presente e constitui parte da história e da memória do Instituto Butantan.

## Referências

ARGAN, G. C. **História da arte como história da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ARANTES, O. **O lugar da arquitetura depois dos modernos**. São Paulo: Edusp, 2000.

BASTOS, Maria Alice Junqueira. **Pós-Brasília. Rumos da Arquitetura Brasileira**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva/FAPESP, 2003.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. 4. ed. Tradução Ana M. Goldberger. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 1981.

BUZZAR, Miguel A. CORDIDO, Maria T. R. L. de Barros. SIMONI, Lucia N. A arquitetura moderna produzida a partir do plano de ação do governo Carvalho Pinto-Page – (1959/1963). **Revista Arq Urb**, n.14, USJT. 2015. p. 157-170.

CARLUCCI, Marcelo. **As casas de Lucio Costa**. 2005. Dissertação (Mestrado) – EESC-USP, São Carlos, 2005.

CHUVA, Márcia. Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado. **Topoi**, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003. p. 313-333.

FERRAZ, Marcelo Carvalho (org.). **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1996.

NOVAIS, Fernando Antonio e MELLO, João C. de. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In SCHWARCZ, Lilia K. M. (org.). **História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

IBAÑEZ, Nelson; WEN, Fan Hui; FERNANDES, Suzana C. G. Instituto Butantan: História Institucional. Desenho metodológico para uma periodização preliminar. In: Nelson Ibanez. (Org.). **Cadernos de História de Ciências**. 01ed.São Paulo: Laboratório Especial História da Ciência, 2005, v. 01, p. 115-144.

KAMITA, João Masao. **Vilanova Artigas**. São Paulo, Cosac & Naify Edições, 2000.

MONTEIRO, Paulo H. N. (org.). **Guia de arquitetura Butantan**. São Paulo: Instituto Butantan: Centro de Desenvolvimento Cultural, 2017.

NOBRE, Ana Luiza. **A Feira Mundial de Bruxelas de 1958: o Pavilhão Brasileiro**. ARQTEXTOS (UFRGS), v. 16, p. 98-107, 2011.

<[https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_16/04\\_ALN.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/04_ALN.pdf)>

SEGAWA, Hugo Massaki. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. 3.ed., 1. reimpr. São Paulo, Edusp, 2014.

ZEIN, Ruth. Verde. **A Feira Mundial de Osaka de 1970: o Pavilhão Brasileiro**. ARQTEXTOS (UFRGS), v. 16, p. 108-127, 2011.

<[https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs\\_revista\\_16/05\\_RVZ.pdf](https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/05_RVZ.pdf)>

### **Periódicos**

Revista Acrópole, Julho de 1966, ano 28, nº 330, p. 18-28.

Revista Acrópole, Agosto de 1966, ano 28, nº 331, p. 31-41.

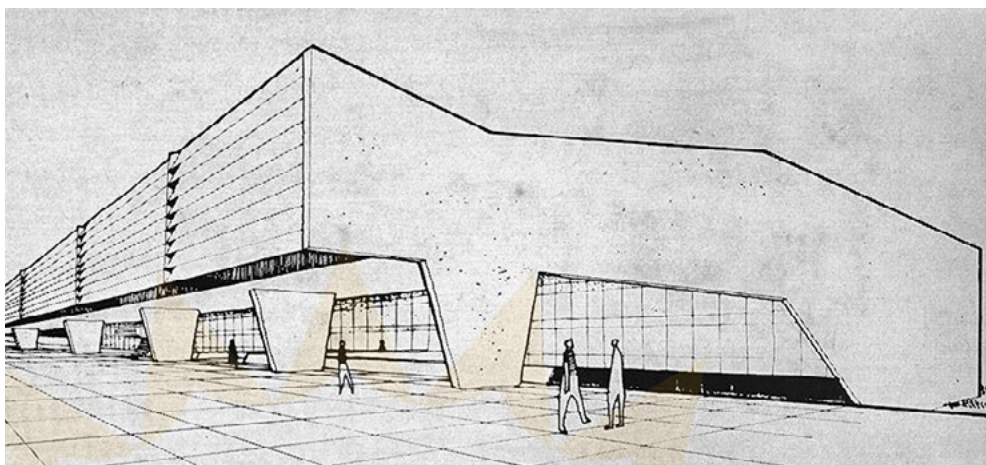
Data de recebimento: 31/10/2017

Data de aprovação: 18/06/2018

## Anexo de imagens



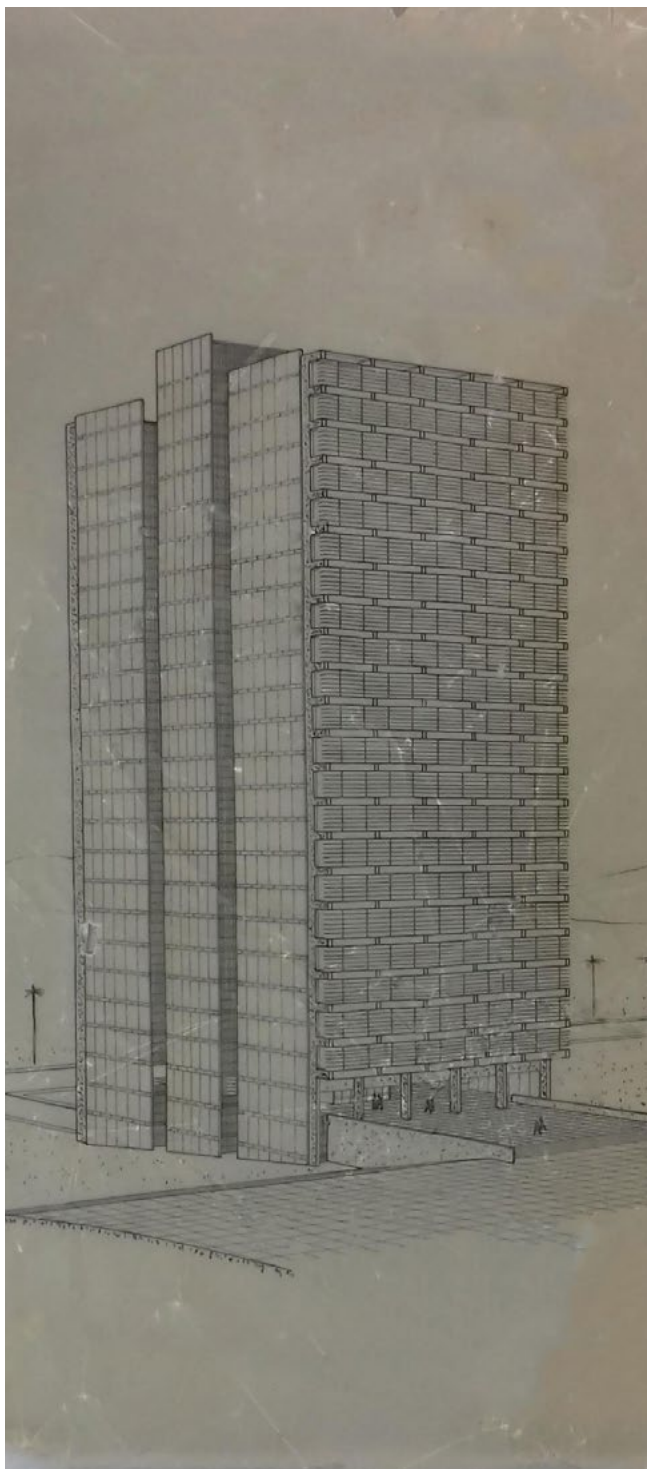
**Figura 1.**  
Edifício Vital Brazil, projeto de Mauro Álvaro, inaugurado no ano de 1914 e símbolo da instituição, inclusive usado no logo da Fundação Butantan.  
Fonte: Acervo Fotográfico do Núcleo de Documentação do Instituto Butantan.



**Figura 2.**  
Perspectiva do projeto para o novo Edifício de Vírus e Genética de autoria do Arquiteto Maurício Tuck Schneider, 1961.  
Fonte: Revista Acrópole, ano 28, nº 331, agosto de 1966. p.36



**Figura 3.**  
Perspectiva do projeto para o novo  
Edifício de Pesquisas de autoria do  
Arquiteto Rubens Carneiro Vianna,  
1961.  
Fonte: Acervo Cartográfico do  
Núcleo de Documentação do  
Instituto Butantan.



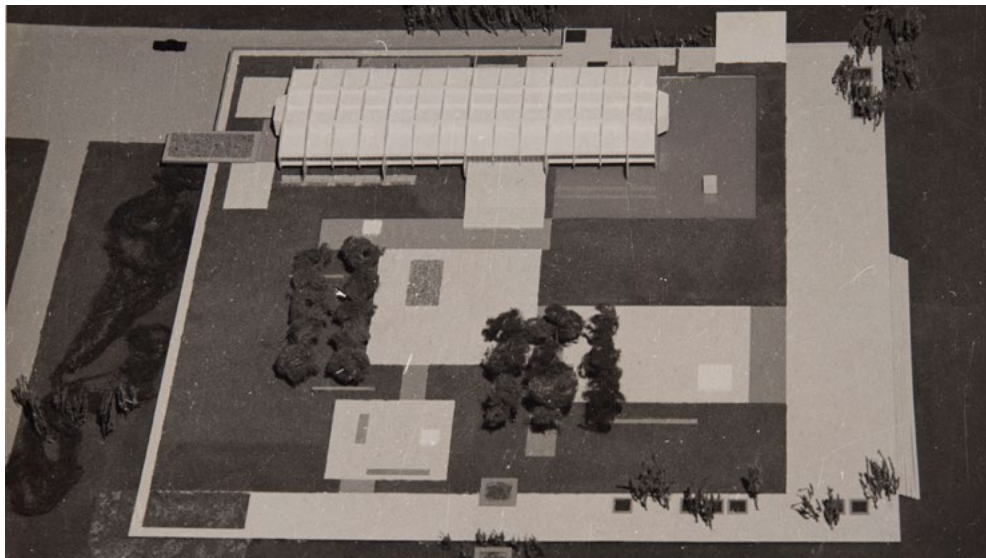


Figura 4.  
Fotografia de maquete do projeto  
para o Edifício Administrativo, de  
autoria do Arquiteto João Carlos  
Bross, sem data.  
Fonte: Acervo Fotográfico do  
Núcleo de Documentação do  
Instituto Butantan

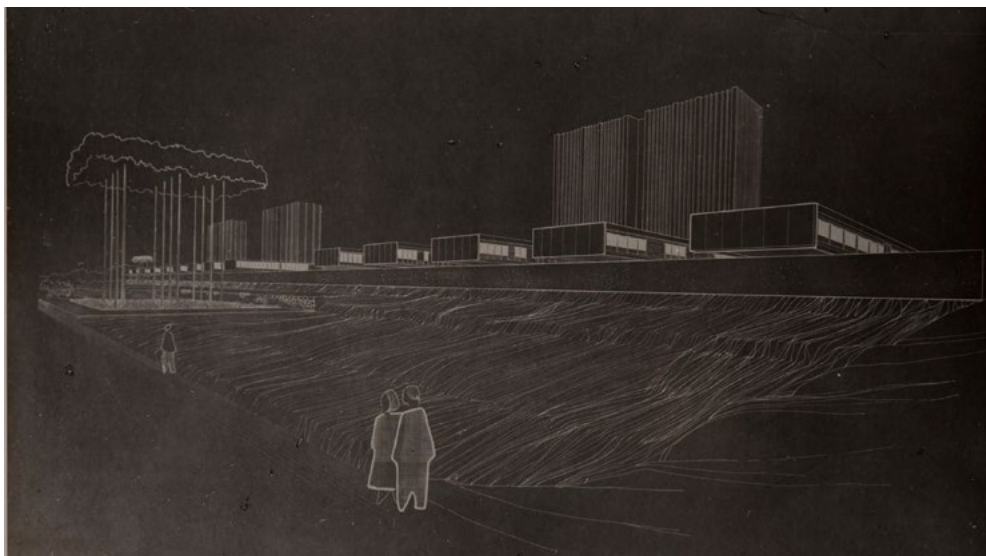


Figura 5.  
Perspectiva de projeto para o Edifício  
da Produção, de autoria dos arquitetos  
Jacob Goldemberg e Luiz Conrucci,  
1963.  
Fonte: Acervo Fotográfico do Núcleo de  
Documentação do Instituto Butantan.